



www.serradopilar.com | 1 Quaresma, 10.03.2019 | ano 44º | nº 2105



O texto da cúpula da basílica do Vaticano devia ser completado, acrescentando-lhe que Pedro é não só uma pedra fundamental da Igreja, como também uma pedra de escândalo e um Satanás. Porém, apesar

de tudo isso, o Senhor ressuscitado perdoou-lhe e confirmou-o na sua missão pastoral de apascentar as suas ovelhas (Jo 21, 15-17).

A verdadeira história da Igreja não é a história dos papas ou da hierarquia eclesiástica, mas a vida dos santos e santas, muitas vezes membros anónimos do Santo Povo de Deus.

Igreja pecadora

Sempre ouvimos falar da santidade da Igreja, duma Igreja sem mancha nem ruga. Na cúpula da basílica de São Pedro do Vaticano, estão reproduzidas, em latim e grego, as palavras que, de acordo com o evangelho de Mateus, Jesus dirigiu a Simão Pedro, aquando da sua profissão de fé messiânica: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16,18). No concílio Vaticano I, afirmou-se que a Igreja, pela sua santidade e propagação, era um grande sinal de credibilidade.

Todos sabemos já, que a história não foi, assim, tão gloriosa como se afirma: cruzadas, inquisição, escandaloso poder temporal dos papas da chamada Igreja de cristandade, guerras de religião, divisão das Igrejas, evangelização sustentada pela espada colonial, antissemitismo e um vasto etcétera.

João XXIII, com o Concílio Vaticano II, iniciou uma grande reforma na Igreja: regresso às fontes da fé cristã, diálogo com o mundo moderno, ecumenismo, liberdade religiosa e de consciência, etc. Este movimento conciliar, travado, em muitos aspetos, no inverno eclesial dos últimos anos, foi retomado e aprofundado pelo papa Francisco: Igreja pobre e dos pobres, a alegria do Evangelho, voltar ao Deus misericordioso, crítica ao clericalismo e às tentações da cúria romana, denúncia de um sistema económico que adora o dinheiro, mata os pobres e destrói a natureza; dizer não aos muros e ao armamentismo, cultivar o cuidado pela terra, organizar um sínodo sobre a Amazónia, visitar campos de refugiados, proclamar uma Igreja em saída e hospital de campanha, etc.

E quando, de novo, começava a florescer a primavera eclesial, eis que rebenta – casualmente? – a tempestade dos abusos sexuais e da pederastia de sacerdotes, religiosos, bispos, nuncios e cardeais, o silêncio encobridor das cúpulas da hierarquia, escândalo inúmeras vezes ampliado pelos meios de comunicação, com os mais mórbidos pormenores. **As vítimas destes abusos, até agora caladas por vergonha, começam a fazer ouvir a sua voz aterradora.**

O prestígio da Igreja está de rastos, grandes figuras e instituições, até agora muito respeitadas, caem por terra; a hierarquia já começa a falar de tolerância zero e da necessidade de denunciar os abusos à sociedade civil, foram despromovidos e expulsos dos seus cargos altos responsáveis da Igreja, houve conferências episcopais que apresentaram a sua renúncia ao papa Francisco, organizam-se reuniões de emergência em Roma para dar

resposta a esta grave reuñones de emergencia en Roma para responder a esta grave situação. O povo cristão sente-se escandalizado e triste. Um velho ditado latino afirma o seguinte: *Corruptio optimi, pessima*, isto é, a pior corrupção é a das coisas boas, ótimas. **A Igreja deixou de ser um sinal de credibilidade, para passar a ser o maior obstáculo à fé de muitos dos nossos contemporâneos.**



Não vamos negar a extrema gravidade destes factos, não é altura de estarmos com desculpas, nem de alegar que ao abusos também sucedem noutros meios, mas é,

sim, tempo de nos sentirmos confusos e envergonhados, de pedirmos perdão a Deus e às vítimas, de as escutarmos, de tentarmos reparar o mal praticado, de tomarmos sérias medidas para o futuro: repensar a seleção e formação afetivo-sexual dos candidatos aos ministérios ordenados, de nos abirmos a novos ministérios, de se elaborar protocolos para a proteção dos menores, de se denunciar a lepra do clericalismo machista que abusa do seu poder sobre menores e mulheres, etc.

Neste momento de confusão, porém, talvez nos possa ajudar o exercício de complementarmos as doutrinas sobre a santidade da Igreja com uma serena afirmação de que a Igreja é humana e divina, santa e pecadora, e que devemos estar, continuamente, em conversão, e pedir perdão a deus, como sucede na liturgia eucarística: **a Igreja deve estar continuamente a reformar-se.**

E recordemos que, no evangelho de Mateus, pouco depois dos versículos anteriormente citados, quando Pedro repreende o Senhor, após o seu anúncio da paixão, Jesus lhe diz que se afaste da sua vista, chamando-lhe Satanás e pedra de escândalo (Mt 16,21). Além disso, Pedro também negou Jesus na paixão. E também Paulo foi um perseguidor da Igreja. Esta é a Igreja de Pedro e Paulo, uma Igreja de pecadores convertidos.

Os chamados Santos Padres, bispos lúcidos e santos dos primeiros séculos, dizem que a Igreja é “casta e prostituta”. E o grande teólogo Karl Rahner, ao comentar a narrativa da mulher adúltera que Jesus salva de ser

apedrejada (Jo 8, 1-11), afirma que esta mulher pública perdoada, representa a santa Igreja, a esposa de Jesus.

Recordemos que o Senhor prometeu à Igreja a vinda do Espírito, e que na Páscoa e no Pentecostes o Espírito desceu sobre ela e que nunca a abandona. O que significa que jamais o pecado submergirá a santidade da Igreja, santidade muitas vezes oculta do povo fiel, de mulheres que vão sustentando a sua família, de religiosas que cuidam de enfermos e idosos, de missionários que consomem a sua vida em terras distantes, de homens e mulheres que se dedicam aos outros, de movimentos operários ou indígenas que lutam pelos direitos humanos, de tantos santos que vivem aqui junto de nós “na porta ao lado”.

Nem terrorismo mediático, nem chantagem económica ou política, nem encobrimento hierárquico, nem escândalo farisaico, nem ingenuidade. Não nos surpreendamos nem rasguemos as vestes. Somos pecadores, membros de uma Igreja ao mesmo tempo pecadora e santa, temos de pedir perdão a Deus e às vítimas, temos de nos converter e de nos acolhermos à misericórdia do Senhor: temos de saber escutar as vítimas e, a partir do seu clamor, reformar as estruturas eclesiais. **Este pode ser um momento chave para uma profunda reforma eclesial.**

Mas não estamos sozinhos neste processo, o Espírito do Senhor acompanha-nos. A Igreja surge no terceiro artigo do credo, na nossa profissão de fé no Espírito Santo: a Igreja é santa pelo Espírito santo. E é este Espírito, que atua sempre a partir das bases, que agora clama pela voz das vítimas. Escutemo-lo.

O texto da cúpula da basílica do Vaticano devia ser completado, acrescentando-lhe que Pedro é não só uma pedra fundamental da Igreja, como também uma pedra de escândalo e um Satanás. Porém, apesar de tudo isso, o Senhor ressuscitado perdoou-lhe e confirmou-o na sua missão pastoral de apascentar as suas ovelhas (Jo 21, 15-17). **A verdadeira história da Igreja não é a história dos papas ou da hierarquia eclesiástica, mas a vida dos santos e santas, muitas vezes membros anónimos do Santo Povo de Deus.**

VÍCTOR CODINA. Jesuíta. Estudou filosofia e teologia em Innsbruck e Roma. Doutor em Teologia por Roma (1965).

<http://blog.cristianismeijusticia.net/2019/02/19/iglesia-pecadora#more-24936>

III Congresso Continental de Teologia Latino-americana e caribenha: “o clamor dos pobres e da Terra interpelam-nos”



De 30 de agosto a 2 de setembro [2018], em El Salvador, terra de mártires, especialmente de D. Arnulfo Romero, celebrou-se o III Encontro Continental de Teologia Latino-americana e caribenha, por ocasião dos cinquenta anos de Medellín (1968), reunião dos bispos latino-

*americanos e caribenhos que selaram a grande mudança de rumo da Igreja, na direção dos pobres e da sua libertação. Foi o batismo da Igreja nesta nova fase da história. Estiveram presentes mais de seiscentas pessoas de todo o Continente e do estrangeiro, o que demonstra o interesse geral pelo evento e suas consequências posteriores. Apresentamos, aqui, parte do **relatório final** que nos oferece um belo resumo do evento promovido pela Rede Ameríndia na Universidade UCA de San Salvador: Leonardo. Boff*

MENSAGEM AOS POVOS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

1- Marcaram presença jovens teólogos e teólogas, assim como, também, alguns irmãos e irmãs de Igrejas evangélicas e pentecostais.

2- Nestes dias, vivemos uma experiência marcada pela convivência alegre e afetuosa, expressa em belas celebrações, diálogos em grupo, conferências, teatro, música, danças e peregrinação aos lugares sagrados do martírio de Monsenhor Romero e de outros mártires. As nossas Igrejas começaram a mudar o seu ponto de vista, de uma perspectiva centrada em si mesma, para uma Igreja que lança o seu olhar para fora, ou, como agora diz o papa Francisco: “em saída”. Medellín vos atribuiu a missão de serdes “uma Igreja pobre, missionária e pascal, ao serviço da libertação de toda a humanidade e de cada ser humano em todas as suas dimensões” (Medellín 5, 15).

3 -Nestes dias, reaprendemos a ler a nossa fé e a vivê-la a partir dos princípios que nos ensinaram D. Oscar Romero, o padre assassinado Ellacuría, e tantos outros irmãos e irmãs que se fizeram nossos mestres e mestras, no seguimento de Jesus. Eles e elas nos revelam que temos de viver a fé dando atenção e importância à realidade social, política e cultural, encarada a partir da causa dos empobrecidos.

4 – Em Medellín, a Igreja inseriu-se nos processos de transformação social e política, vigentes no continente. Não descansaremos enquanto não pudermos viver uma economia ao serviço do bem comum e do cuidado com a Terra, a Água e toda a natureza, à qual pertencemos como filhos e filhas.

5 – Em todo o continente, continua a interpelar-nos o que Medellín definiu como

“violência institucionalizada”. Atualmente ainda, a sociedade dominante não respeita nem valoriza as comunidades indígenas de diversas etnias e as suas culturas ancestrais

6 – Unimo-nos à luta das mulheres que, em todos os países, são vítimas de diversos tipos de violência. Nestes cinquenta anos, reconhecemos a contribuição das teologias negras, das dos povos indígenas e, de maneira especial, da proposta feita pela teologia feminista de pensar uma Igreja de facto fundamentada no discipulado de iguais. Assumimos a causa das vítimas de abusos sexuais, cometidos contra crianças, adolescentes, e contra as mulheres e os irmãos e irmãs LGBT. É urgente mudar a estrutura patriarcal e clerical das nossas Igrejas.

7 – Sabemos dos massacres de jovens, especialmente pobres e, nalguns países, na sua maioria negros, vítimas da deterioração das condições de vida e da violência urbana. Alguns dos nossos teólogos e teólogas jovens estão a acompanhar de forma criativa estas lutas.

8 – As conquistas de novos processos sociais e políticos pertencem ao povo e merecem ser defendidas a partir das bases.

9 – Denunciamos a responsabilidade do império norte-americano, que prossegue com a sua política de desestabilização de governos que não se dobram às suas exigências colonialistas. Continuaremos a lutar contra as políticas xenófobas, racistas e desumanas do presidente dos Estados Unidos contra os migrantes, especialmente, contra os nossos irmãos e irmãs pobres, que tentam atravessar a fronteira dos Estados Unidos.

10 – A conferência de Medellín propôs uma Igreja profética, ao serviço da libertação dos nossos povos, a partir da opção pelos pobres. Hoje, queremos comprometer-nos com o projeto de uma Igreja mais sinodal e forte, em permanente diálogo com a humanidade e, especialmente, com os movimentos sociais, organizados para mudar o mundo.

11 – Reconhecemos como sinal do Espírito a proposta de “Bem Viver”, que recebemos dos povos indígenas do continente. Compreendemos que o “Bem viver” é o caminho de uma sociedade de comunhão, que privilegia o bem comum sobre o interesse particular, e encara a sério os direitos da irmã Mãe Terra e da Vida.

Os zapatistas do sul do México ensinaram-nos que somos um exército de sonhadores/as. E que, por isso, somos invencíveis. Como disse São Oscar Romero, “continuemos a fazer o que pudermos fazer, porque o importante é fazer”. Nesta esperança firme e inquebrantável, a força do Espírito que se expressa na força dos pobres nos ilumine e nos guie a todos/as pelos caminhos do Reino.

Nota: Todos os presentes subscreveram um texto de apoio ao papa Francisco, face às oposições e resistências que vem suportando, ultimamente, providas de grupos conservadores que não aceitam mudanças no estilo de viver a fé cristã, nos conturbados dias de hoje.



We Are Church
Pour une Eglise du Peuple de Dieu
Für eine Kirche des Gottesvolkes
Para una Iglesia del Pueblo de Dios
Para una Igreja do Povo de Deus
Für eine Kirche des Volkes of God
For a Church of the People of God

Nota à imprensa do WAC-I sobre a Cimeira dedicada aos abusos sexuais

Nota à imprensa (27 de fevereiro de 2019)

CIMEIRA DEDICADA AOS ABUSOS SEXUAIS DEIXA MUITAS VÍTIMAS EM RISCO

A Cimeira dedicada aos abusos sexuais (21-24 fev. 2019) foi um desapontamento e uma oportunidade perdida.

Durante mais de três décadas os escândalos de abuso sexual sobre crianças foram proeminentes em diversos países (EUA, Irlanda, Austrália, Canadá, Chile) que introduziram medidas de proteção. Estas medidas foram melhoradas através da experiência e auditorias. Mais recentemente, escândalos envolvendo abuso sexual sobre crianças surgiram em muitos outros países (Áustria, Alemanha, França, Espanha, Índia, etc.) e continuam a ser surgir novos relatos em países onde anteriormente tais abusos eram mantidos em segredo.

A Cimeira dedicada aos abusos sexuais foi, portanto, uma oportunidade para partilhar conhecimento e experiências para que crianças em Deli ou Dar es Salaam vivam em segurança tal como as crianças em Dallas ou Dublin. Mas isso não aconteceu. Houve uma ausência de ações concretas para proteger as crianças:

- Não foram adotadas medidas de proteção universais
- Não se definiu o que significa a “Tolerância Zero” da que o Papa Francisco falara
- Não se definiu o que constitui abuso sexual de um menor
- Não se chegou a um consenso sobre o processo de responsabilização dos bispos

Houve alguns resultados positivos com as fortes declarações dos sobreviventes e os protestos fora do encontro. A Cimeira chamou a atenção dos bispos presentes e do mundo para os muitos fracassos e negações falsas feitas pelas autoridades da Igreja nas últimas três décadas, em relação ao escândalo dos abusos.

O fracasso contínuo da hierarquia em tomar ações concretas levará a uma erosão ainda maior da afiliação à Igreja e ao enfraquecimento da sua autoridade moral.

Fica a mensagem clara que quaisquer preocupações sobre abuso sexual sobre crianças por parte de clérigos devem ser comunicadas às autoridades civis e não às autoridades da igreja.

Nós Somos Igreja Internacional (We Are Church International / WAC-I), fundado em Roma em 1996, é uma aliança global de grupos nacionais que pedem a reforma da igreja. Está empenhado na renovação da Igreja Católica Romana, baseada no Concílio do Vaticano II (1962-1965) e no espírito teológico daí desenvolvido.

no deserto



«Quem se senta no deserto e se preocupa com a quietude do seu coração fica dispensado de três batalhas: com a audição, com a palavra, com a vista. Resta-lhe apenas uma a combater: com o seu coração.»

Setenta por cento da superfície terrestre está

coberta por desertos áridos ou glaciais. O processo de desertificação avança a ritmo persistente e, em conjunto com a seca, absorve anualmente 12 milhões de hectares, ou seja, 23 hectares por minuto.

O deserto é, todavia, um símbolo em muitas culturas; é-o sobretudo na antiga espiritualidade dos chamados “padres do deserto”. E é ao mais célebre deles, Santo António, que é atribuída a frase que propomos.

Hoje a locução “sentar no deserto”, por ele usada, não evoca tanto a postura típica dos beduínos, imóveis nesses espaços solitários. Ela é antes de tudo sinónimo de “contemplar”.

É neste sentido que se torna clara a lição de Santo António. Pode facilmente vencer-se uma luta tríplice quando se está na solidão; a audição não fica suja de palavras vãs e vácuas, a boca não emite murmurações e vulgaridades, o olhar não tem diante de si imagens provocadoras e perturbadoras.

Ainda assim não é suficiente para se ficar na perfeita serenidade. É preciso, com efeito, combater a batalha do coração. É dele que flúem – como já dizia Jesus – todas as intenções perversas, e é por isso que não basta o silêncio exterior, a paragem, para se estar na paz interior.

Deve-se, antes, iniciar finalmente uma obra de purificação e de libertação do coração, ou seja, da consciência, para que torne a ser fonte de amor, de luz, de confiança, de pureza.

P. (Card.) Gianfranco Ravasi / In *Avvenire* / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: alexeys/Bigstock.com / Publicado em 06.09.2018

http://www.snpcultura.org/no_deserto.html